

Lula patina na África e procura parcerias para reaver influência

Presidente foi ao continente, interesse da China, sem mecanismos do 1º mandato

Renato Machado

BRASÍLIA Moradores de Adis Abeba costumam brincar que a arquitetura da sede da União Africana, uma grande torre que se destaca sobre um complexo mais baixo, representa a China mostrando o dedo do meio para a Europa, os antigos colonizadores da África. A comparação não é de todo descabida, uma vez que o prédio construído no centro da capital da Etiópia foi financiado pelo regime chinês, ao custo de US\$ 200 milhões. Uma das principais entradas do complexo é conhecida entre os frequentadores como "portal chinês". Foi no plenário desse edifício que Luiz Inácio Lula da Silva (PT) discutiu com chefes de Estado da África para defender uma reorganização do Brasil com os países da região. Auxiliares de presidente se embarcaram em Adis Abeba com o objetivo de retomar a influência e o prestígio que o

Brasil já destruiu no continente —principalmente nos dois primeiros mandatos de Lula. Voltaram a Brasília como diagnóstico de que a tarefa será muito mais complexa, tanto pela falta de recursos disponíveis como pela agressiva política chinesa que, com bilhões de dólares, deixou pouco espaço para novos atores. Lula realizou uma visita de cinco dias ao continente africano, com compromissos oficiais no Egito e na Etiópia. Suas intenções com a África acabaram eclipsadas pela série de declarações do petista referentes à guerra Israel-Hamas. A última delas, comparando a ação israelense em Gaza com o Holocausto, resultou numa crise diplomática. Mesmo a tentativa de aproximação com os países africanos enfrentou alguns percalços durante a viagem, em particular com compromissos cancelados de última hora que irritaram a presidente. Lula chegou a reclamar a interlocutores da recepção no continente e cancelou a participação em um jantar cedido pelo primeiro-ministro etíope, Abiy Ahmed, aos participantes da cúpula da União Africana. Antes de seguir para a Etiópia, o encontro com o ditador egípcio, Abdel Fattah el-Sisi, resultou na assinatura de dois atos: um na área de ciência, tecnologia e educação e um protocolo para facilitar exportação de carne brasileira. A situação, apontam especialistas e interlocutores no governo, reflete o distanciamento brasileiro dos países da África nos últimos anos, a falta de uma estratégia clara para o continente e, claro, a forte atuação da China. O gigante asiático conduz uma agenda africana por meio do Fórum de Cooperação China-Africa, com cooperação e investimentos bilionários em diferentes áreas, que incluem temas como infraestrutura e questões militares, e abrem



O governo não conseguiu pôr de pé uma política africana e isso num contexto em que houve distanciamento considerável da África nos últimos anos

Pio Penna Filho professor de relações internacionais da UNB

outro lado, o tom do discurso de Lula poderia resultar numa aliança no nível político. "Eu não vejo estratégia nenhuma", afirma o professor Pio Penna Filho, do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB). "O governo não conseguiu colocar de pé uma política africana e isso num contexto em que houve distanciamento considerável da África nos últimos anos, que foi gradativo e escalonado, desde o governo Dilma". Ele acrescenta que o presidente encontrou o continente africano em situação totalmente diferente da que viu em seus primeiros mandatos. O próprio discurso de Lula, acrescenta Penna Filho, foca na cooperação para combater a fome e a pobreza, já não encontra a mesma recepção. Outros países também começaram a atuar mais ativamente na África. Você tem a China que não interrompeu a política africana em nenhum momento, você tem a Rússia também ativa em determinadas partes da África, [além da atuação dos Estados Unidos e da União Europeia], completa o professor. "Então o Brasil ficou perdido, ainda mais sem os mecanismos do BNDES". Ele se refere ao mecanismo que permitia ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social financiar a exportação de serviços, que faci-

litou a atuação de construtoras brasileiras no exterior. Essa ferramenta foi uma das bases para a expansão de empresas nacionais na África, com obras de grande envergadura em Moçambique, por exemplo. Auxiliares de Lula reconhecem nos bastidores que o Brasil não tem mais as mesmas condições que permitiram o avanço do país no continente africano, e culpam as últimas gestões por essa situação. Apontam ainda que a Petrobras mudou sua política de governança, que a Eletrobras foi privatizada e que as construtoras brasileiras perderam seu poder, em decorrência da Operação Lava Jato. Além disso, durante os governos de Michel Temer e Jair Bolsonaro foram eliminados os mecanismos de crédito para a exportação de serviços do BNDES —que o governo Lula agora procura retomar. Assessores do Palácio do Planalto pontuam que o discurso de Lula na União Africana foi longeiramente aplaudido, reforçando a tese de que há espaço para uma aliança política com o continente. O Brasil tem como bandeira da sua presidência temporária do G20 a reforma da governança global na área da economia. E um dos pontos de crítica de Lula é a questão da dívida africana. O presidente quer o perdão dessa dívida ou melhores condições de financiamento.

Rússia e Ucrânia perderam chance de xeque-mate militar na guerra

ANÁLISE GUERRA DA UCRÂNIA

Igor Giehow

SÃO PAULO Maior conflito militar em solo europeu desde a Segunda Guerra Mundial, a invasão russa da Ucrânia completou dois anos no sábado (24) trazendo um arrastado de novidades para estrategistas em defesa e vendedores de armas mundo afora. A Folha conversou com analistas ocidentais, ucranianos e russos, e teve acesso a um estudo inédito que circula na comunidade acadêmica ligada ao Ministério da Defesa em Moscou, traçando um rápido panorama do legado militar da Guerra da Ucrânia até aqui.

Os dois lados puderam vencer Uma das conclusões mais consensuais é que Vladimir Putin e Volodimir Zelenski estiveram perto de vencer, no sentido de impor um xeque-mate militar que obrigaria o outro lado a conversar. A Rússia repetiu de certa forma a chamada Operação Danúbio, quando o Pacto de Varsóvia esmagou o governo rebelde da então Tchecoslováquia em 1968. Uma força aerotransportada soviética tomou o aeroporto de Buzyn, em Praga, em 2022, russos tomaram brevemente Hostomel, perto de Kiev.

Depois, colunas blindadas invadiram o país por diversas frentes, assim como Putin fez entre os eixos principais na Ucrânia. A guerra do século foi a chegada de ataques aéreos maciços em seu início, herança das campanhas americanas no golfo Pérsico. A diferença estava na sobrecarga dos russos agora. Enquanto os soviéticos invadiram um país pequeno de 14 milhões de habitantes com 250 mil soldados, o Kremlin usou talvez 200 mil para tomar uma grande nação com 44 milhões.

Ainda assim, quase cercaram Kiev e cumpriram a previsão americana de uma queda em 72 horas da capital. Só que foram travados por artilharia, poucas forças e uma desorganização logística que expôs seus blindados a fogo portátil. Menos de um mês depois, foram embora.

Já Zelenski viveu outra re-

alidade. No fim do primeiro ano da guerra, o moral de suas tropas estava alto, com a reconquista da cidade de Kherson (sul) e áreas ocupadas de Kharkiv (norte). Os russos ainda buscavam forças com uma mobilização e jogaram mercenários e condenados antistasinos na frente. Mas um erro tático emulou o dos russos: em vez de atacar diretamente rumo à Crimeia, cortando a ligação estabelecida por Putin com a península anexada em 2014, os ucranianos dividiram o esforço em três. Falharam, ao fim.

A guerra de drones A guerra entre Arábia Saudita e Iêmen de 2022, vencida ao fim por Bakr, assentou fama dos drones turcos de ataque Bayraktar TB2 como "game-changers", armas que mudariam o panorama do jogo em campo. Não por acaso, havia dezenas deles comprados pela Ucrânia quando os russos chegaram. Inicialmente, o filme se repetiu: pequenos aviões robôs destruindo colunas blindadas inimigas. A morte do tanque de guerra foi dada como certa. Só que rapidamente os russos empregaram táticas de bloqueio eletromagnético e calibraram suas defesas anti-aéreas, anulando tal cenário. A Ucrânia parece de todo modo estar um passo à frente dos russos. Criou uma frota de drones aquáticos que se mostraram um terror para a Frota do Mar Negro de Putin e diversos modelos de longo alcance que têm impacto psicológico dentro da Rússia.

A artilharia é soberana A queda da estratégica Andriivka para os russos na semana passada, um marco da guerra, deu-se pela superioridade de Moscou no quesito artilharia: eram 2.000 tiros dados pelos ucranianos todos os dias, contra 10 mil das forças de Putin. Nesse sentido, o emprego de lançadores de mísseis de precisão HIMARS americanos fez muita diferença: foi a destruição das pontes usadas pelos russos no rio Dniipro que permitiu obrigar a retirada deles da capital homônima de Kherson, em 2022.

Por ora, o velho canhão (e suas variantes modernas) ainda fala mais alto.



EU E REINO UNIDO VOLTAM A ATACAR ALVOS HOUTHIS NO IÊMEN

Nova rodada de ação militar busca enfraquecer grupo rebelde ligado ao Irã que continua a atacar navios no mar Vermelho, perturbando o comércio global na região; na foto, coluna de fumaça sobre após bombardeio na capital, Sanaa

Julio de Oliveira/Reuters